REUNIÃO NACIONAL DE "CULTU -Artes Plasticas Tempo (361) 4 de setembro de 1977 pay. 32-40





O tema a que nos reportamos nesta edição - e que constitui o penúltimo trabalho sobre a sé rie de apontamentos que vimos a divulgar sobre a Reunião Na cional de Cultura — refere se às «artes plásticas».

Este tema específico mereceu também uma palestra e um de bate. A participação de muitas pessoas ligadas a este tipo de expressão artística levou a que o debate fosse um pouco mais vivo do que os restantes.

A primeira crítica à palestra feita pelos participantes foi de que era incorrecta a atitude do autor em tentar pôr em confronto a «cultura africana» com a «cultura europeia». De facto segundo diversas intervenções esse confronto surge na palestra, foi salientado, «de forma obcessiva». quando o autor tenta apresentar como coisa má as influências recíprocas, e surge quando o autor manifesta uma preocupação excessiva de «afirmação» de valor da «cultura africana».

Como foi reposto, «as influências começaram desde que a história é história, desde o princípio da Humanidade que existe uma interacção entre os vários agrupamentos humanos». E, como foi dito também «essas influências são uma coisa boa; é uma das nossas preocupações o intercâmbio cultural; nós gostamos de co nhecer as culturas dos outros povos, isso enriquece-nos».

Quanto à necessidade de afirmação da cultura africana «já não tem razão de ser: há muito que a cultura africana é reconhecida».

Da atitude do autor e da atitude destas críticas ressaltam duas posições claras e distintas.

Por um lado por parte do autor, uma atitude historicamente ultrapassada, muito semelhante, (no mesmo contexto, na mesma perspectiva) à surgida no debate sobre a dança em que era exacerbado o regresso às origens sa-lutares». e procurarmos a filoso fia a ela nerente iremos recuar a, talvez 1935, nas obras de dois senhores chamados Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor, naquilo a que eles próprios (e depois



o filósofo francês Jean Paul Sartre) chamaram de «negritude» (como já nos havíamos comprometido desenvolveremos depois esta questão).

Por outro lado, inerente às críticas, surgiu a posição de que«se não há contradições entre os povos, não há contradições entre as culturas dos povos». O conflito é, também em relação a esta questão, entre os povos e a burguesia mundial.

De certo modo ligada a esta foi logo a seguir discutido o pro-





Com a expulsão dos colonialistas o comércio da arte ficou condenado em Moçambique. Como querem artistas do povo vender suas obras ao povo?

blema do «saque». Se África teria ou não sido saqueada pelos colonialistas de suas «obras de arte».

A uma contestação de que acusar a Europa de haver saqueado essas obras era «uma atitude simplista que ofende a dignidade de Africa e prejudica o bom entendimento» (porque no ver do interveniente quem levou as obras de arte o fez com base exclusiva no interesse científico) levantou-se um coro de protestos defendendo a posição de que «se os colonialistas queriam valorizar a cultura dos póvos colonizados era em primeiro lugar nos países colonizados onde deveriam ter feito os museus, iniciado essa valorização».

Foi ainda considerado parte do «saque» as obras que os colonialistas adquiriram aos artistas africanos com base na difusão do mercantilismo e no poder do capital.

O PAPEL DO «ARTISTA»

É na sequência desta discussão que se vieram a analisar, (pela primeira vez depois das discussões introdutórias aos temas «o que é cultura «o papel da cultura no processo revolucionário») al gumas questões de fundo. Pena que a não sistematização da dis-

cussão tivesse permitido que ficassem de fora algumas outras não menos importantes, o que conduziu inclusivé a que o que foi discutido não fosse bem aprofundado.

Porque não foi por exemplo feita à partida a definição do estatuto de «artista» em todas as discussões o «artista» apareceu como um ente necessariamente marginal, fora do povo, fora e acima do povo. (Ora primeiro isto nem sequer corresponde à realidade daquelas pessoas que, ao que nos pareceu reivindicavam e lhes era concedido — o estatuto de artista. Depois, não nos pare ce que seja por outro lado caminho para onde apontar). Foi pois tendo como referência esse «artista» em abstracto os «artistas»reunidos analisaram como eles próprios produziam suas obras.

Disse um deles:

«É por dentro que o artista co meça a sentir a pintura, como se fosse um palpite, qualquer coisa que nos está a preocupar. Aí o artista tem que estudar esse palpite, tem que seleccionar as ideias em relação ao palpite. Daí nasce a arte. É a arte que o artista cria. Vem de dentro e sai para o Povo. Mas há um outro processo é através do movimento das pessoas, das árvores, do capim, que o artista produz a arte». E a partir daí concluiu:

«O que acontece? Acontece que a tela só irá mostrar as preocupações que o pintor tem dentro de si. Está ali o quadro a dizer-eu penso isto. E aquilo que o Povo pensa, é isso?Onde está? Isso conduz também a que, por exemplo no outro aspecto, nas paisagens, acabemos por pintar tios, árvores, que não existem na realidade. Eu próprio já fiz isso — é uma autocrítica — isso é enganar a povo. Como ultrapassar? É necessário sairmos dos nossos ateliers e «irmos de encontro ao povo». Só então vamos conseguir trazer os problemas do povo para a tela».

Tudo «poderia ter ficado assim» se esse mesmo interveniente não tivesse dito também «o artista é filho do povo, traz os problemas do povo, vive os problemas do povo, é povo também». Ou, melhor — se isso não fosse verdade Mas, é. Efectivamente a maioria dos nossos «artistas» (como também foi dito na discussão) são povo, são oriundos e vivem no seio das classes trabalhadoras.

É aí que surge o que nos pare ce uma falsa contradição. Pena que não tivesse sido encarada as sim. Concluiu se «o artista tem que ser ligado ao povo», porque é uma verdade aceitável para a totalidade dos participantes, «ficou resolvido o problema», já havia uma «conclusão bonita», ficou resolvido o problema.

E, é pena, porque houve elementos para avançar, para aprofundar. Na intervenção do mesmo artista, ele disse: «no tempodo colonialismo era fácil ao artista viver, vendendo as suas obras. Agora é difícil vender, não há quem compre».

Está aí a ferida, a contradição verdadeira é essa, pensamos — como o artista do povo quer «vender» suas obras ao povo?

Se ele pinta a «paisagem» que existe e vê, ou se imagina uma «paisagem» bonita é uma questão absolutamente secundária. Agora se ele tem que condicionar sua criação ao «mercado» (ao que po derá ou não agradar e ser comerciável) é uma questão verdadeira e determinante. Se ele se afasta do processo de produção de bens materiais para se dedicar exclusivamente ao profissionalismo da arte, é uma questão importante e determinante. Era da análise de

estas e outras componentes que se desenharia o estatuto do «artista», se se concluisse a existência e ou o haver lugar para um grupo social especial os artistas.

Mas, como dissemos atrás, pouco se avançou no aprofundamento dessa questão.

Perante a questão da «comercialização da arte» as propostas que surgiram da discussão foram de que «deveríamos arranjar meios de exportar a nossa arte», «o governo deveria estudar a maneira de abrir caminho para os artistas poderem vender a sua arte», «se deveriam organizar exposições fora de Moçambique», etc.

Embora não se tenha chegado no debate a uma ideia acabada o relatório final adiantou algumas propostas mais elaboradas, que tendo sido aprovadas no plenário final, apontam para os caminhos a seguir, (e que divulgaremos mais à frente).

Para além disso foi debatida e salientada a necessidade dos ac tuais «artistas» se organizarem (as cooperativas, foram a forma mais sugerida).

Foi discutida a questão dos espectáculos publicitários há pouco tempo proibidos pelo Governo (1001, Delta). Aí surgiram duas posições. Uma defendeu que ao cantarem e dançarem usando «formas» importadas com letras de «conteúdo revolucionário» isso representava «um esforço» e que, do desenvolvimento desse esforco era possível que atingissem objectivos correctos. A outra que se lhe opôs violentamente rejeitava isso dizendo que ao fazelo esses «artistas» manifestavam oportunismo.

«Eles fazem isso para não apa nhar críticas do povo. Desde que começou a sair nas revistas e nos jornais crítica a esses espectácu los que eles ficaram com medo das críticas do povo e por isso metiam palavras revolucionárias».

Numa caricatura um dos participantes cantou com música de fado «Viva Samora, viva a Frelimo»... convenceu os participantes.

Nesse aspecto foi porém salientado que essa forma de oportunismo embora se evidenciasse mais nos espectáculos de palco não acontecia só ali. Muitos pintores funcionam no mesmo esquema, com a mesma atitude.

RECOMENDAÇÕES

O documento final sobre as ar tes plásticas foi um dos poucos aprovados no plenário de encer ramento. O seu texto é o que se segue:

«As artes plásticas são num todo um conjunto de obras de arte que desde as pinturas rupestres dos nossos antepassados, de paredes de casas maticadas, decoração de Olearia Tradicional, como pane las, potes; escultura em madeira, à moderna pintura em tela; nos falam dos homens das suas preo cupações, da sua vida Social, e também das suas crenças.

1.—Tal como a cultura exprime as preocupações dominantes dos homens em cada momento, as Artes Plásticas no tempo Colonial exprimiram através: dos seus temas o «Descontentamento, a de núncia e a revolta popular contra a opressão estrangeira». Contudo as Artes Plásticas reflectiram no seu modo de expressão os condicionalismos da época da seguinte forma:

- Utilização de uma linguagem que nem sempre teve uma significação clara;
- Produção para um mercado capitalista, com todas as consequências que daí derivam;
- Tentativa de recuperação dos Artistas e da sua Arte para os pôr ao serviço da Burguesia Colonial, deste modo estas obras não eram muitas vezes consumidas pelo povo mas sim pela Burguesia Colonial que as comercializava e exportava;
- II. Papel dos artistas e das Artes Plásticas no processo revolucionário.

No processo revolucionário em curso torna se necessário alterar as relações entre o artista e o po vo tem como a obra de Arte e o Povo. Significa isto que o conteú do deve reflectir as preocupações dominantes dos operários e camponeses; perspectivar a construção duma sociedade nova e a forma deve ser de leitura familiar ao Povo a que se destina.

A arte vem do povo trabalhador. O Artista é filho do Povo e é nele que bebe a sua inspiração e não se deve alhear das suas preocupações.

Em consequência a obra tem uma finalidade social que é educativa, que é política e que é Histórica. Na fase presente a Arte deve constituir uma arma no combate de classe e um instrumento na construção da Nova Sociedade. As Artes devem perder o carácter exclusivo de função decorativa para gozo de pequenas minorias privilegiadas e deve lhes ser restituida a Função social que lhes é própria. A arte deve descer à Rua e ocupar a praça pública ao serviço do Povo . A arte deve exprimir o poder da Aliança operária e camponesa em todas as praças públicas do país.

Devemos concretizar estas preocupações através de:

- Construção de monumentos aos grandes acontecimentos Históricos;
- Utilizar o bronze e o már more para se produzir em ponto gigante as belas es culturas de origem popu lar que neste momento são recolhidas em Museus e casas particulares;
- Pinturas de murais gigantes traduzindo cenas da vido do país ou a luta dos trabalhadores moçambicanos na construção duma nova sociedade;
- 4.— Cartazes para propaganda;
- Ilustração de livros de carácter didáctico;
- Concursos para a construção de determinados monumentos ou pintura de determinadas telas;
- 7. Criação de uma Revista de Arte e Letras;
- III. Devemos promover o intercâmbio Artístico entre as várias regiões do nosso País e os povos e Países amigos, utilizando:
 - Exposições Nacionais, Provinciais, Distritais, e itenerantes;
 - Exposições internacionais;
 - Reproduções de Obras Seleccionadas;
 - -Gravuras;
 - -- Selos;

- Medalhas comemorativas;
- Postais:
- Etc....

IV. — PARTICIPAÇÃO DOS ARTISTAS NA PRODUÇÃO

O Artista é um trabalhador. Nessa medida ele participa das actividades directamente produtivas e é nelas que deve buscar o seu sustento. Na sociedade que queremos construir não deve haver lugar para Artistas «QUE FA ZEM ARTE» para vender com o fim de prover ao seu sustento ou de enriquecer. É necessário sempre que possível aplicar os artistas no sector produtivo tirando a maior vantagem em benefício da produção utilizando os conhe cimentos e a experiência que lhes são próprios.

Deste modo deveremos promo ver o emprego de artistas nas Indústrias de Cerâmica, Têxtil (es tampagens), tapeçaria, construção civil (decoração de edifícios públicos) palácios, escolas, hospitais).

V. — RECOMENDAÇÕES

Com vista à definição de programas concretos a partir das nossas realicades, deverão promover se reuniões, seminários, a nível distrital, Provincial e Nacional com as seguintes finalidades:

- 1. Recenceamento de todos os artistas plásticos e arte sãos existentes:
- 2. Promover a organização de cooperativas dos artistas. A organização cooperativa é uma estrutura com três funções fundamentais:
- a) Política pois organiza os artistas em formas de cooperativas de produção;

- b) Económica pois toda a comercialização deverá fazerse com base ou a partir delas:
- Didáctica na fase em que nos encontramos verifica se que a arte tradicional é praticada quase exclusiva mente por pessoas de idade avançada e já na fase final das suas vidas encontrando-se a juventude absorvida na sua quase totalidade pela Revolução, pela Educação, e pelo esforço da reconstrução nacional, praticamente desaparece ram as condições nas quais se fazia tradicionalmente a transmissão dos conhecimentos, das experiências e da técnica. Nestas condicões a cooperativa surge como o quadro próprio on de se faz, de uma forma organizada, a transmissão cas mais antigas tradições Artísticas do nosso povo e que se desenvolvam essas tradições na medida em que aí convivem os artistas e os seus aprendizes mais jovens.
- Incentivar a participação dos artistas nas casas de cultura, para aí difundirem e popularizarem o conheci mento e o gosto pelas Ar tes Plásticas.
- Criação de uma escola de Arte que seja embrião da futura escola de Belas Artes
 - esta escola teria como função, além de formação de professores para escolas secundárias do país, a ele vação do nível político, téc nico e cultural dos Artistas.

- 5. Organização da Comercia lização no exterior a correcta organização da comercialização exterior, pode tornar-se uma importante fonte de divisas para o País e até exceder as que se dispendem com a importação de material necessário de Artes Plásticas não produzido no país. Neste momento essa comercialização é feita pelos revende dores e exportadores clandestinos que vendem nas pracas europeias, e americanas recolhendo fabulosos lucros. O estabelecimento de uma loja galeria de ar tesanato mocambicano numa capital europeia, seria uma medida estratégica para resolver este problema. Por outro lado também se restringiria a venda directa aos estrangeiros no país elevando as taxas de exportação.
- 6.—O envio imediato de bolseiros a países amigos para uma rápida aprendiza gem das técnicas de reprodução em tamanho gigante, em pedra, bronze, ferro ou fibra de vidro. Existem neste momento alguns artistas que trabalham já em barro e gesso em tamanho razoável e com possibilida des de trabalhar em tamanhos gigantescos.
- VI. Importação de material artístico necessário, não produzido no País e incentivação da produção de material não produzido no País».

PALESTRA SOBRE ARTES PLÁSTICAS EM MOÇAMBIQUE

As artes plásticas em Moçambique não nasceram como consequência da chamada civilização europeia. Fizeram, fazem e farão parte integrante do povo moçambicano. Em Moçambique existem imensos sinais que testemunham que as artes plásticas são tão antigas como o povo deste país. Se olhamos para as riquissimas pinturas rupestres (pinturas na pedra) nas cavernas de Vumba e Manica, podemos concluir que elas foram executadas pela gente mais antiga deste país. Os seus autores, analfabetos, eram guerreiros ou pastores que vivendo nelas, aproveitavam as suas paredes de pedra para as suas manifestações culturais. Nessas pinturas encontramos uma grande lição de arte, dada pelos nossos antepassados.

Como todos os povos, o nosso povo não pode viver sem se manifestar culturalmente. A cultura constitui um factor básico para a consolidação da personalidade de um povo.

Se o colonialismo português não se tivesse apercebido da força política que a nossa cultura apresentava, talvez não temesse tanto a nossa dignidade. As perseguições de que foram vítimas os nossos antepassados tiveram como base as manifestações culturais. Quando em 1947 as administrações, acravés dos seus agentes perseguiram no interior todos aqueles que estavam de posse de simples elementos decorativos, adornos, gamelas, bancos de madeira executados por anciãos, objectos



A decisão de que todos os artistas plásticos se deveriam engajar no processo produtivo de bens materiais, como sua actividade principal, foi uma decisão importante

bordados com missangas, cabaças pircgravadas etc., o pretexto era de que se procuravam «feiticeiros», homens e mulheres que estavam no mato, que faziam elefantes com madeira e bonecos insignificantes».

Quem ouvisse isto poderia pensar que se tratava de uma acção válida, quando na verdade a acção era punitiva em relação a todos aqueles que se expressavam através da cultura. Diziam que levavam tambores feitos pelos curandeiros e cabaças bordadas de missangas para queimar na administração, mas os objectivos eram na realidade diferentes. Quando hoje visitamos museus da Europa, encontramos os mesmos objectos em vitrinas blindadas, onde um forte sistema de segurança impede que os mesmos sejam retirados.

Os autores dessas obras de arte eram presos, espancados ou enviados para a Europa, desenraizados do seu continente. As sim eram destruídas todas as possibilidades da continuidade da nossa cultura.

Simultaneamente, através das igrejas e das escolas eramnos enviados desenhos e outros trabalhos de arte representan do coisas que nada tinham a ver connosco, pressionando-nos no sentido de absorvermos apenas o que nos chegava do exterior. Uma forma de esvaziarem-nos da nossa identidade cultural.

Porque o nosso povo foi sempre resistente perante esta opressão colonial, àqueles que continuassem com o trabalho eram dados outros tipos de punição: faziam nos executar figuras portuguesas, copiar figuras de uma religião que nem sequer tinha algo a ver com a religião mitológica existente. Exemplo flagrante é que ao sentirem a força da arte de Cabo Delgado, pretenderam destruí-la tornando os artistas copiadores de todos os objectos portugueses (figuras de Camões e outros escritores portugueses, etc.). Saquearam toda a arte válida. Em alguns casos mostravam ser conhecedores, mas na maior parte foi saque executado por autênticos ignorantes de cultura. Aconteceu o mesmo com os países de colonização inglesa, francesa, etc... É por isso que muitos historiadores de arte africana, asiática etc, consultam ainda hoje, para se documentarem, os museus da Europa. Neles se encontram milhares de peças, se melhores peças da nossa cultura, como se a Europa fosse o berço da arte africana.

Este roubo sem procedentes, serviu para a Europa tomar conhecimento das nossas realidades, da nossa política e da nos sa cultura. Política e cultura estão interligadas.

AS ARTES PLÁSTICAS

O artista consciente não pode nem deve alhear se dos problemas que o cercam. Os problemas devem sensibilizar o artista, o artesão, o poeta, o cantor, o músico, o homem de teatro, etc. Esses problemas são o dia a dia dos homens. O artista os vive como homem antes de vivê-los como artista. Como pode alhear se deles? Com que direito? Porquê e para que fugiria deles? Aqui concluimos que tais problemas são os temas, os motivos, que farão parte dos seus quadros, desenhos, es culturas, etc.

Na orientação colonialista a arte tinha apenas duas fun ções: emberezamento de salas particulares e obtenção de lucros Hoje a arte terá de ter outra finalidade: a de elevar o povo na dimensão que lhe dê mais dignidade. Fazer da arte um instrumento decisivo para uma maior e eficaz mobilização política e cultural. Fazer com que ela se transforme em arma perfurado ra, em instrumento de desenvolvimento educacional. Fazer das artes plásticas um monumento que ao lado da política, dignifique o país, dignifique o nosso continente africano. O mundo progressista.

Trazer as artes plásticas para o campo, no sentido de uma difusão em profundidade de conhecimentos, transformar as ar tes plásticas de pequeno porte em pintura de exteriores, de murais, em escultura de jardins públicos, que ilus trem toda a vida do nosso povo. Melhor que o artista, o povo interpreta muitas vezes o que o artista pensou e execu tou. O povo é uma escola de belas artes e contém todo o va lor cultural do qual estamos à míngua. Ele explicará ao artista as razões desta ou daquela tatuagem. Dirá ao artista para que serve aquele tambor que só se toca de tempos a tempos.Explicará todas as passagens históricas que viveu e isso servirá de base para um estudo aprofundado político cultural do nosso país. No povo teremos todo um conhecimiento das razões da nossa vivência mitológica. Caminhando assim, tudo quanto ba niremos será decidido numa base verdadeiramente científica.

Urge fazer uma recolha cultural na base de uma planificação cuidada e à responsabilidade de elementos preparados.

O QUE SÃO AS ARTES PLÁSTICAS

O que é uma escultura? Como e com que material podemos conceber esta? O que é cerâmica e olaria? Como se começa um quadro? Quais as funções da cor? O que é um tema? Exemplo de um tema? O artista saberá sempre explicar a sua obra?

AS ARTES PLASTICAS E ARQUITECTURA

Para que as pinturas, esculturas, artesanato, etc, possam ter um enquadramento nos murais, nas pinturas em grandes paredes dos prédios etc, é necessário que o arquitecto tenha construído um edifício. O pintor, o escultor ou artesão terá de estar ligado a esse trabalho e enquanto o arquitecto está estudando um projeco íntegra o artista na sua equipa.

A conjugação do trabalho do artista plástico e do arquitecto enriquece a sociedade. Valoriza o país. O arquitecto, o pintor, o escultor completam-sc. Quando falamos do arquitecto, não falamos unicamente no homem formado na Universidade. Falamos também do arquitecto que sabe construir uma cabana, uma palhota, uma paliçada de caniço. Em muitos pontos do interior do nosso país, em muitas aldeias existem desenhos elaborados sobre fachadas das habitações, à base de barro e tinta produzida à base de raízes, frutas ou copas de árvores. Esses desenhos e pinturas são testemunho real da existência valorosa de uma cultura pouco difusa. As paredes das casas de senhadas são um registo e testemunho da nossa riqueza cultural. São manifestações da cultura moçambicana os panelões ou potes, trabalhados ou não, com símbolos desenhados ou tatuados. São manifestações culturais os trabalhos em missangas bordados sobre as cabaças. Até os amuletos constituem expressões de arte. E, infelizmente, muitos desses símbolos têm sido arrancados à força sem que se tivesse feito um estudo adequado. Errados ou não, esses símbolos fizeram a nossa história nos aspectos social, político e cultural.

INFLUÊNCIA

Muitas vezes nos falam da influência Árabe, quando temos à nossa frente objectos de prata do Ibo, da Zambézia ou da Ilha de Moçambique. Dizem-nos que esses trabalhos de ourivesaria e filigrana têm influências dos primeiros árabes que desembarcaram em Moçambique.

Mas sinceramente perguntamos se não teriam os Árabes recebido alguma influência das artes africanas. Não encontramos os nossos símbolos nos seus trabalhos artísticos? Muitos símbolos que oxistem nos trabalhos de ourivesaria e filigrana, ou em objectos de barro encontramos também como fazendo parte de adorno corporal. Tais adornos encontramos do norte ao sul do país. Podemos ver esses símbolos nos bancos dos curandeiros, nas máscaras sagradas, desenhados nos cascos das árvores com centenas de anos, nos objectos de uso doméstico, enfim, bem implantados na tradição e religião que o povo tem.

Seria que a África esteve parada, antes da chegada dos Arabes ou dos Europeus? Não se manifestavam culturalmente? Todos esses símbolos são de origem estranha? Nada cresceu da criatividade do nosso povo? África tem uma personalidade cultural e Moçambique é uma das bases de riquezas neste continente. A pretexto das más missões civilizadoras, aqueles que para cá viajaram, «sugaram» aqui inúmeras experiências. Pablo Picasso é testemunho flagrante da influência das artes plásticas africanas nas artes plásticas europeias. Os seus quadros, cerâ-

micas e esculturas ilustram bem essa influência. Tem acontecido o mesmo com a arquitectura europeia, Existem muitos traços que demonstram que a técnica europeia não resistiu perante a arte africana, África nunca invadiu a Europa, nem a América do Norte. Os africanos que lá apareceram foram levados como escravos. Apesar do isolamento em que se encontravam não deixaram de gritar a sua cultura africana e gritavam-na através das danças, da canção, da poesia, das artes plásticas, do modo de vestir e da própria condimentação da comida e do adorno corporal.

Para a Europa ou a América a nítida influência que a nossa cultura exerceu sobre eles era uma simples experiência do exotismo da cultura africana. A nossa arte era para eles, num sentido muito enganador, uma pequena manifestação de «usos e costumes Bantos», Nunca aceitaram a nossa cultura como um marco de uma evolução cultural, de uma sociedade consciente do seu contributo de uma forma espantosa para revolucionar a arte no mundo.

E, falando da América, ocorre nos referir à situação do negro americano. Deslocado do seu eixo ou realidade cultural, vive em constante confusão neste aspecto. Os negros americanos querem a sua identificação cultural e tateiam. Procuram todas as informações sobre a cultura em África. Quando põem um colar de missangas ao pescoço ou usam certos adornos, como pequenos ossos de animais, caveiras, cabelo de homem trançado e untado de pós vermelhos estão procurando expressar-se culturalmente.

Significa também que aqueles que nos venderam nas Américas como escravos conseguiram os seus intentos. Extorquiram nos a nossa dignidade cultural para deixarmos de ser nós próprios.

Mas a luta não está perdida. O caminho do combate político consciente encontrará a solução no sentido da sua libertação.

AS ARTES PLASTICAS PERANTE A REVOLUÇÃO OU A REVOLUÇÃO PERANTE AS ARTES PLASTICAS

A arte deve marchar na Revolução. A Revolução ilustrada é patente nas manifestações culturais de todo o género. Na pintura, na escultura, na poesia, na música, etc. Os aspectos históricos do processo revolucionário devem estar reflectidos no trabalho do artista e no próprio artista.

O artista regista os acontecimentos de um dado passo histórico para perpetuarem na história do nosso país e do mundo. Por isso, neste momento todas as mudanças históricas da política, da mitologia ou religião, dos aspectos etnológicos devem ser registados pelo artista, pelo escritor, pelo cantor, pelo dramaturgo e cineasta. O artista fixa momentos que são o marco dos acontecimentos em cadeia da nossa revolução.

No México, os artistas registaram com segurança e fidelidade o dia a dia do povo mexicano. As suas artes são uma autêntica história, uma cronologia detalhada dos acontecimentos que incluem a tradição e os costumes mexicanos.

Aqui, em Moçambique, a escultura das gerações antepassadas, deixaram-nos marcas históricas da resistência política do nosso povo. No presente, deve-se traçar caminhos novos no sentido de uma cultura que corresponda à marcha irreversível da nossa história e da nossa revolução.

Resta perguntar somente o que fará o artista e como fará o quê? O que se deve fazer para a protecção do artista economicamente e como criar condições para a sua evolução?

ARTE INFANTIL

A arte deve ser apoiada tanto nas escolas como nas casas de cultura, A criança possui uma extraordinária capacidade de fixação do que vê e uma imaginação espantosa.